



Bultmann, Rudolf. *Jesus*, trad. Nélio Schneider. São Paulo: Editora Teológica, 2005, 221pp.

O livro *Jesus* de Rudolf Bultmann foi publicado em 1926. Portanto, já se passaram oitenta anos desde a sua primeira edição. Devido a esse grande lapso temporal resta-nos uma pergunta: Será que esse livro apenas deve ser lido como uma obra relevante para a história da teologia? Ou será que Bultmann ainda nos tem algo a dizer hoje? Walter Schmithals, autor do prefácio para a 3ª edição da obra (1964), diz que o leitor ainda hoje será cativado por essa interpretação brilhante e singular da proclamação de Jesus (p. 7). Um pouco dessa interpretação foi exposta pelo autor na sua monumental *Teologia do Novo Testamento* de Bultmann, publicada no Brasil pela Editora Teológica em 2004.ⁱ

Bultmann dividiu o seu livro em quatro partes: (1) o contexto histórico da atuação de Jesus; (2) a proclamação de Jesus – a vinda do reinado de Deus; (3) a proclamação de Jesus – a vontade de Deus; (4) a proclamação de Jesus – o Deus distante e o Deus próximo. Nota-se que a preocupação maior é com a proclamação de Jesus. O autor não se interessa pela personalidade e vida do nazareno, apenas com sua proclamação. Por que isso? Bultmann explica que "não podemos mais saber praticamente nada da vida e da personalidade de Jesus, já que as fontes cristãs não se interessaram por elas, sendo ademais bastante fragmentárias e encobertas pela lenda, uma vez que não existem outras fontes sobre Jesus" (p. 26). Com essa afirmação, Bultmann quebra com a corrente liberal que há mais de um século entrou na corrida pelo Jesus histórico. Aliás, o teólogo de Marburg critica a atuação desses estudiosos, dizendo que "o que se está escrevendo já há mais de um século e meio sobre a vida de Jesus, sua personalidade, seu desenvolvimento interior e coisas semelhantes – uma vez que não se trata de investigações críticas – não passa de fantasia e romance" (p. 26). A pesquisa de Bultmann, então, não tinha por objeto a vida ou a personalidade de Jesus, mas apenas seu "ensinamento", sua proclamação (p. 29). Todavia, a proclamação também possui seus problemas. As fontes não asseguram a historicidade de tudo aquilo que nelas aparecem. Bultmann explica que "no caso de muitas palavras, é possível demonstrar que só vieram a surgir na comunidade, ao passo que no caso de outras, elas foram reformuladas pela comunidade" (p. 29). No entanto, Bultmann não deixa de crer na existência histórica de Jesus e que ele foi o gerador do movimento histórico conhecido como cristianismo (p. 30s.).

No segundo capítulo do seu livro, o autor aborda sucintamente o contexto histórico da atuação de Jesus. Ele acaba resumindo esse "contexto" somente às esperanças messiânicas da época, a qual afirma que "eram as mais intensas possíveis" (p. 36).ⁱⁱ Nesse capítulo, o autor também vê a relação de João Batista e



Jesus. O teólogo afirma que "Jesus fez parte da seita do Batista, e que a seita de Jesus é uma facção da seita de João" (p. 40).ⁱⁱⁱ

No terceiro capítulo Bultmann começa a sua exposição sobre a proclamação de Jesus. Aqui ele trata da vinda do reino de Deus. Para ele, a mensagem de Jesus é a mensagem escatológica, isto é, a mensagem de que dali em diante o reinado de Deus está irrompendo (p. 43). Se o reinado de Deus está irrompendo, então obrigatoriamente está acabando o domínio de Satanás, que agora está vivo e ativo na terra juntamente com seus espíritos malignos. E já se pode ver os demônios fugirem; a causa deles está perdida (p. 43s.). Nesse capítulo, Bultmann tenta responder no que consiste o reinado de Deus. Ele diz que "o reinado de Deus representa a salvação para o ser humano, mais precisamente, a salvação escatológica que põe um fim a toda forma de vida terrena. Esta salvação é a única salvação de que pode falar; justamente por isso ela exige do ser humano a decisão; não se trata de algo que se possa ter ao lado de outros bens, de algo que possa ser objeto de nossos esforços ao lado de outros interesses. Essa salvação é apresentada ao ser humano como um 'ou-ou' (p. 50)".^{iv}

No quarto capítulo, Bultmann disserta sobre a vontade de Deus. O autor faz sua abordagem da periferia para o centro, ou seja, ele mostra que Jesus foi designado por várias vezes como rabino e que por isso não seria possível que ele não tivesse a lei veterotestamentária em alta estima. Jesus também não polemizou contra o culto no templo.^v Jesus tampouco combateu os hábitos religiosos comuns entre os judeus piedosos, como dar esmolas, orar e jejuar; ele apenas protestou contra o fato de serem realizados em função da vaidade pessoal e exigiu que fossem feitos em silêncio e com sinceridade (p. 77). O que Jesus quis mostrar é que o ser humano não precisa de uma autoridade formal, lhe dizendo o que ele deve fazer ou não para obedecer a Deus. Qualquer um é capaz de identificar na Escritura o que apraz a Deus ou não, a todos é dado o entendimento para tal. Não é necessário que um mestre da lei fique interpretando a Escritura e ditando regras as quais devam ser seguidas à risca. Bultmann expressa isso da seguinte forma: "não é uma autoridade exterior que diz qual é a vontade de Deus, de tal modo que o conteúdo do que foi ordenado seja indiferente, mas julga-se o ser humano capaz e no dever de perceber por si mesmo o que é exigido dele. Portanto, as exigências de Deus podem ser aprendidas cognitivamente. E só quando isso acontece que a idéia de obediência é concebida de modo radical" (p.88). A obediência radical só existe quando o ser humano concorda por si mesmo com aquilo que é exigido dele, quando o que está sendo ordenado é compreendido como exigência de Deus. Nesse mesmo capítulo, Bultmann fala também a respeito da ascese. Ele diz: "As palavras em que Jesus combate a riqueza não devem ser mal entendidas, por sua vez, como se ele agora estivesse estabelecendo a exigência de validade geral de que cada pessoa doe os seus bens, como se estivesse pregando o ideal de pobreza, como se estivesse exigindo a ascese. O conceito de um ideal a ser concretizado por intermédio da ação é estranho a Jesus".



Na verdade, o que Jesus almejou mostrar é que para segui-lo é necessário ter a força e a liberdade de renunciar à posses. Igualmente claro está, no entanto, que ele não quer dizer que se possa obter uma qualidade especial perante Deus por meio da pobreza voluntária; isto é, o que se exige não é a pobreza, e sim sacrifício (p. 109). Quanto ao mandamento do amor, o autor observa que "esse mandamento é geralmente considerado como a exigência propriamente cristã, como a nova ética trazida por Jesus" (p. 119). Só que na fala de Jesus, a ocorrência da palavra "amor" e do mandamento do amor é curiosamente rara, ou seja, eles ocorrem apenas no sermão da montanha na forma de exigência do amor ao inimigo (Mt 5.43-48), e na resposta à pergunta pelo maior mandamento na forma da exigência do amor ao próximo paralela à do amor a Deus. Portanto, em passagens destacadas, mas tão raramente que se percebe claramente que nem Jesus nem sua comunidade pensaram que com a exigência do amor estivessem estabelecendo um programa ético especial. A exigência do amor insere-se, antes, na exigência geral de fazer a vontade de Deus (p. 119).

No quinto e último capítulo, Bultmann discute a questão acerca da idéia de Deus. Mostra o autor as diferenças existentes da idéia de Deus entre o pensamento grego e o judaísmo. Para o pensamento grego, Deus, assim como os demais objetos do mundo, pode ser submetido à reflexão contemplativa; que exista uma teologia no sentido próprio, direto. Decorre disso, que no helenismo, Deus sempre foi encarado como um pedaço de mundo ou como o mundo propriamente dito, também, e, justamente, onde ele é considerado como a origem e o princípio formador do mundo, transcendendo o mundo dos fenômenos. Pois também aí Deus e mundo perfazem uma unidade que pode ser aprendida mediante reflexão; o sentido do mundo torna-se claro precisamente na idéia de Deus. Por essa razão, o pensamento grego tende ao panteísmo (p. 140). Para o judaísmo, entretanto, Deus é o Criador. Isto não significa que tenha dado forma a alguma matéria existente, mas que criou o mundo de acordo com sua vontade. No judaísmo tardio, essa idéia chegou à sua maior pureza, quando se diz expressamente que Deus criou o mundo a partir do nada. Na relação com o ser humano, Deus é o senhor soberano que lida com o ser humano segundo sua vontade, assim como o oleiro lida com a argila, que embota a quem ele quer e se compadece de quem ele quer (p. 141). A idéia judaica de Deus deve também ser distinguida negativamente de todo dualismo metafísico. É certo que o dualismo persa influenciou o imaginário judeu em uma época tardia, ou seja, a partir dele penetrou no judaísmo a concepção de Satanás. Mas a peculiaridade da idéia judaica de Deus ficou preservada, ainda que não tenha atingido toda a sua clareza conceitual. Deus e o mundo não se contrapõem como duas naturezas ou substâncias hostis. A idéia do Criador jamais foi abandonada e nunca se atribui ao mundo um direito próprio; Deus é o todo-poderoso, apesar de Satanás, ao qual permite aprontar das suas por certo tempo (p. 142). Todavia, a característica mais importante da idéia judaica de Deus é a de que o Deus supramundano, distante, é simultaneamente o Deus próximo, que segura em suas mãos poderosas o destino do mundo, de seu povo e de cada indivíduo. Essa idéia ganha contornos mais nítidos na fé em Deus como senhor da



história que a conduz segundo seu plano desde seu início até um determinado alvo (p. 145).

Diante do que vimos até agora dessa brilhante obra de Rudolf Bultmann, chegamos a mesma conclusão de Walter Schmitals em 1964: "o leitor desse livro ainda hoje será cativado por essa interpretação singular da proclamação de Jesus". Bultmann interpreta a proclamação de Jesus por meio das noções fundamentais da teologia dialética, portanto, conceitos como decisão, palavra, não mundano, aqui e agora, obediência radical, paradoxal, existência, o Deus distante e o Deus próximo são tirados da proclamação de Jesus e utilizados para torná-la um evento atual. Nossa exposição também mostrou o quanto é infundada a acusação de alguns teólogos fundamentalistas que segundo Bultmann a teologia cristã não estaria interessada na pessoa de Jesus. Na verdade, para o autor o evangelho não é a pregação do próprio Jesus, mas a posterior pregação de Jesus como crucificado e ressurreto. A pessoa de Jesus Cristo é conteúdo somente como o proclamado, não como proclamador. Isso não quer dizer que Bultmann negue a continuidade entre o Jesus histórico e a pregação a respeito dele, mas que o querigma cristão não depende de tal continuidade. Sendo assim, o *Jesus* de Bultmann continua sendo uma leitura edificante, erudita e atual.

Julio Fontana*

ⁱ BULTMANN, Rudolf, *Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Editora Teológica, 2004, pp. 40-72.

ⁱⁱ Bultmann errou na sua análise do contexto histórico da Palestina do século I d.C. A Palestina não era um grande bloco, onde todos compartilhavam as mesmas tradições, aspirações e símbolos. Não podemos esquecer que a Judéia, a Samaria e a Galiléia eram regiões totalmente distintas uma das outras.

ⁱⁱⁱ Joachim Gnilka pensa diferente. Para ele Jesus aceitou o movimento do Batista, aderiu a ele ao se deixar batizar por João, mas jamais se tornou discípulo de João (ver GNILKA, Joachim, *Jesus de Nazaré: mensagem e história*, Petrópolis/RJ, 2000, p. 80).

^{iv} Meier diz que "reino de Deus" é um símbolo tensivo que certamente evoca uma gama de significados. Perrin diz que é um erro tentar reduzi-lo a uma só idéia ou um só conceito. Daí porque qualquer tentativa de se "defenir" o reino de Deus sempre resulta em frustração. O reino de Deus não tem definição; ele conta uma história (MEIER, John Paul, *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico, Vol. 2, Livro 2, Mensagem*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 14).

^v Bultmann não adere a teoria daqueles que crêem que Jesus reformou o ultrapassado sistema sacrificial do judaísmo.

* O autor está graduando em teologia, reside no Rio de Janeiro, escreve para as revistas *Inclusividade do Centro de Estudos Anglicanos* e *Teologia e Cultura* da Editora Paulinas. Qualquer dúvida ou sugestão envie um e-mail para juliofontana@click21.com.br.